

Produzir ciência, produzir a vida: as marcas de autoria no processo de gestar uma tese

BRITO, Solange Aparecida da Silva / Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) - solange.brito@estudante.ufscar.br

NAKAYAMA, Bárbara Cristina Moreira Sicardi // Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) – barbara@ufscar.br

Eje: Construcción de conocimientos y saberes ^{[[L]]}_{[[SEP]]} Tipo de trabajo: ponencia

^a Palabras claves: *autoría – documentación-narrativa – escrita reflexiva – metáfora - pesquisa-vida-formación*

> **Resumen**

¿Qué marcas de autoría emergen de las experiencias formativas, reveladas en los procesos de constitución de profesoras que investigan e integran espacios de investigación-vida-formación, que se conciben en relación con los dispositivos de investigación (auto)biográfica y de documentación narrativa? y ¿Por qué escribir una tesis? Son preguntas que nos interesa comentar en esta ponencia. Los escritos reflexivos, la metáfora como estructuración de una tesis, anuncian la trayectoria de una investigación (auto)biográfica que toma los inventarios de investigación, de los trabajos académicos hecho por un Grupo de Pesquisa y por una tesista, como espacio a ver emerger las marcas de autoría de las experiencias formadoras.

> **Introdução: os contornos da pesquisa**

Nesse trabalho apresentamos o percurso de tese, em desenvolvimento, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPEd) da Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba (UFSCar-So). Até o momento da aprovação no Exame de Qualificação, primeira avaliação formal pela qual passa uma tese de doutoramento no Brasil, a pesquisa esteve intitulada como “Documentação biográfico narrativa em espaços de pesquisa-vida-formação: um diálogo da *pesquisadora-autora-cidadã* com as trajetórias acadêmicas de mulheres docentes”. A investigação encontra-se em momento de finalização com a previsão de ajustes no título, bem como a realização de encaminhamentos metodológicos balizados pelas contribuições da Banca do Exame de Qualificação que foi composta pelos Professores Daniel Hugo Suárez e Joaquim Gonçalves Barbosa e pelas Professoras Ana Lúcia Souza de Freitas e Maria da Conceição Passeggi e presidida pela Professora Bárbara Cristina Moreira Sicardi Nakayama, orientadora da pesquisa.

Cabe destacar, que se trata de uma pesquisa qualitativa que não se ancora em paradigmas que tenham a neutralidade e o distanciamento do sujeito como princípio, mas que considera o “[...] ‘retorno do sujeito’ que reaparece sob múltiplas peles de autor, narrador, ator, agente social e personagem de sua história.” (Passeggi, 2016, p. 9), nessa investigação, sob a ótica da abordagem (auto)biográfica. As escritas reflexivas (Passeggi, 2021), a partir dos dispositivos biográfico-narrativos (Delory Momberger, 2006), na relação com a Documentação Narrativa das Experiências Pedagógicas (Suárez, 2015), visando evidenciar as marcas de autoria das experiências formadoras (Josso, 2004), são os eixos eleitos para comporem a temática central da investigação.

A problemática, que se apresenta como o coração da pesquisa, está traduzida no seguinte questionamento:

Que marcas de autoria emergem de experiências formadoras, reveladas nos processos de constituição de mulheres docentes que fazem pesquisa e, integram espaços de pesquisa-vida-formação, que estão concebidos na relação com a pesquisa (auto)biográfica e com os dispositivos de documentação narrativa?

A ideia de *pesquisadora-autora-cidadã* nasce dos estudos do Professor Joaquim Barbosa (2000) em que apresenta o conceito/ideia de autor cidadão, indicando que Autor-cidadão, portanto, é uma construção histórica, geográfica, social, psicanalítica, ecológica que, enquanto tal, exige ‘politização’ não só de uma dimensão do sujeito, tal como a econômica ou política partidária, mas da vida em suas várias perspectivas, englobando seu modo de ser e de se expressar. (Barbosa, 2000, p. 90)

Enquanto construção plural (histórica, geográfica, social, psicanalítica e ecológica), pensar em um autor-cidadão se vincula ao posicionamento epistemopolítico em que Passeggi e Souza (2017, p. 11) indicam a necessidade de que haja um movimento que acolha a voz dos grupos até então silenciados pelas correntes acadêmicas mais tradicionais.

Como perspectiva outra, às correntes positivistas e colonizadoras, os estudos com as histórias de vida em formação e as narrativas autobiográficas, ao priorizarem o humano, situam-se numa perspectiva *epistemopolítica*, como afirmam Pineau e Le Grand (2012). As narrativas propõem uma nova episteme, um novo tipo de conhecimento, que emerge não na busca de uma verdade, mas de uma reflexão sobre a experiência narrada, assegurando um novo posicionamento político em ciência, que implicam princípios e métodos legitimadores da palavra do sujeito social, valorizadores de sua capacidade de reflexão, em todas as idades, independentemente do gênero, etnia, cor, profissão, posição social, entre outras opções.

Nesse contexto, promover um diálogo entrecruzado com o conceito de autor-cidadão (Barbosa, 2000) pela lente de mulheres que integram espaços de pesquisa-vida-formação para apresentar a ideia de “autora-pesquisadora-cidadã” é apontado como *objetivo geral* da tese. Por sua vez, os *objetivos específicos* consistem em: a) Mapear características que legitimam os espaços/tempos de pesquisa-

formação na relação com os pressupostos teóricos-metodológicos da abordagem (auto)biográfica. b) Inventariar as características que legitimam os dispositivos narrativos enquanto referenciais para/de documentação narrativa em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação. c) Identificar as singularidades dos processos de autoria das experiências formadoras de mulheres docentes que integram espaços/tempos de pesquisa-formação, a partir do diálogo, tendo as Cartas Pedagógicas como dispositivo narrativo.

O direito de gestar/escrever uma tese, ocupando os espaços acadêmicos, bem como a relevância social, pessoal e existencial dessa produção, na relação com a trajetória de vida de docentes pesquisadoras em formação, denotam a relevância e potência da pesquisa e, são problematizadas e evidenciadas no diálogo com os vínculos e a mobilidade intergeracionais, considerando suas trajetórias (im)prováveis (Passeggi, 2015), como lente de reflexão. Cabe destacar ainda, que a escolha pelo feminino “*autora-pesquisadora-cidadã*” e “*mulheres docentes*” não se dá na perspectiva de propor uma discussão antropológica sobre gênero, cujo compromisso não se assumiu na tese, que foi gestada a partir das experiências formadoras (Josso, 2004 e 2007), dos processos de autoria (Barbosa, 2000; Ardoino, 1998) e, das marcas existenciais (Barbier, 2003) que emergem da/na trajetória acadêmica das pesquisadoras em formação.

Outro ponto, tão importante quanto os contornos da investigação, é a escolha de utilizar o conceber, gestar e parir, como metáfora de escrita e organização estrutural do texto que foi levado à apreciação da banca, no Exame de Qualificação. Enquanto estudante da Pós-Graduação, produzindo uma tese de doutoramento, assumindo-se grávida e a gestar uma tese enquanto metáfora, não é puramente uma escolha semântica, mas sim, uma descoberta que considera e evidencia que o produzir uma tese é produzir-se a si mesmo (Hess, 2010). Cabe dar a conhecer que a maternidade tem sido um elemento existencial constitutivo do sujeito social, psicológico e epistêmico, portanto plural, que têm dado sentido e significado à existência daquela que está produzindo uma tese. Nesse sentido, com o alçar voo dos filhos, agora adultos, vê a necessidade de (re)descobrir quem é, para além da mãe, emergindo com força e potência a face da pesquisadora. Com isso, escolhe escancarar que sua existência, ao mesmo tempo que afeta, está sendo afetada, pelo percurso da tese; é dizer que encontrou, no movimento de produção de conhecimento científico, a possibilidade, ainda que metaforicamente, de gestar e parir novamente. *Metaforizar a escrita da tese com a gestação, talvez seja a forma que encontrou de preencher o espaço de um ninho que estava ficando vazio.*

Para essa apresentação, assume-se o compromisso de, para além dessa introdução com os contornos da pesquisa (tema e problemática; questão central da investigação; os objetivos e sua relevância); partilhar o percurso metodológico e os primeiros achados que emergiram e se evidenciaram a partir dos inventários de pesquisa e, por fim, um as “palavras do devir” em que discutir-se-á as expectativas e perspectivas de continuidade da investigação com vistas ao exame final, a defesa, vislumbrado para ocorrer até o mês de agosto do ano vindouro. Esse devir, aponta para o ampliar do diálogo com outras mulheres docentes

latino-americanas, na relação com as marcas de autoria nos/dos processos de constituírem-se *pesquisadoras-autoras-cidadãs*.

› ***Percurso metodológico e os primeiros achados***

No texto original, apresentado à Banca do Exame de Qualificação, a escolha da autora foi narrar como a proposta metodológica foi sendo desenhada, desde a primeira ideia, apresentada no projeto de pesquisa inscrito no processo seletivo, que oportunizou seu acesso ao doutorado em educação.

As reuniões com a orientadora, a apresentação do desenvolvimento da investigação no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre narrativa, Formação e Trabalho Docente (NEPEN), bem como, a influência das lives assistidas, no período da pandemia, são narrados de forma a garantir que os andaimes da tese fossem conhecidos. Nesse sentido, para esse trabalho, apresentar-se-á alguns recortes do percurso metodológico trilhado e um quadro síntese das ações metodológicas. Na sequência, os primeiros achados que emergiram do inventário de pesquisa das produções do NEPEN, bem como, as da pesquisadora, também serão evidenciados.

Por onde andamos e onde chegamos: dos caminhos metodológicos

Por que escrever uma tese de doutorado?, essa foi uma pergunta, cuja resposta foi se revelando a partir das leituras, do cursar as disciplinas, das orientações individuais e coletivas e, da intensidade dos encontros e atividades do NEPEN. A reflexão sobre esse questionamento influenciou, sobremaneira, os caminhos e rumos da tese. Sobre isso, a autora escreveu em seu *blog* pessoal:

(...) Mais uma vez ela se viu como no reflexo de um recorte temporal, também não muito distante, de alguém que se via às voltas por responder, para si e ao mundo, porque queria escrever uma tese... Ah, foram meses com aquela pergunta a lhe rondar: - Porque, mas porque Deus, ela queria escrever uma tese? E foi num encontro, nada casual, que ela se viu frente a frente a uma de suas RB, que só não nomeou, ainda, mais uma filha felina com o nome dela, porque simplesmente se entrar mais algum bicho no espaço que ela habita, teme ser expulsa de casa pelo marido, que pasmem, é alérgico a gatos! Mas, voltando ao encontro, ela se vira falando de suas expectativas para com a tese, do projeto inicial e dos primeiros ajustes já realizados. De forma espontânea, quase infantil, partilhou sua angústia: Não sabia explicar porque queria escrever uma tese... assim que soltou no ar a inquietação, se viu na necessidade de tentar responder e começou a falar de contribuição social; resposta à inquietações pessoal na relação com a dimensão profissional; talvez por vaidade; quem sabe por superação, visto sua trajetória improvável... Todas aquelas justificativas pareciam, agora ela se dera conta, de que no fundo, o que ecoava quase que num susto, era uma outra pergunta: "Como a filha de retirantes nordestinos, estudante da escola pública, professorinha, poderia ter se atrevido a querer escrever uma tese?"... Naquela tarde, uma sexta-feira treze, enquanto tomava café num shopping

Paulistano, dias antes da pandemia assolar o país, ela viu sua angústia ser acolhida por um olhar quase maternal, da sua RB, e um sorriso cúmplice da sua orientadora... Enquanto a segunda dizia com o sorriso - presta atenção!, a professora Passeggi lhe olhou nos olhos e disse: - Você não precisa justificar porque quer escrever uma tese simplesmente porque escrevê-la é um direito que você tem! Enquanto cidadã e sujeito você tem o **D-I-R-E-I-T-O** de escrever uma tese, se você escolheu escrevê-la. (Brito, 2021)

Compreender que escrever uma tese era um direito, na relação com o compromisso ético e político de o fazer numa instituição pública, contribuiu para a compreensão de que poderia investigar as marcas das experiências formadoras, na relação com trajetórias e percursos de vida, impulsionava a reconhecer e autorizar-se a produzir conhecimento científico.

Ao definir que a tese teria como eixo principal as marcas de autoria de mulheres docentes que se constituem pesquisadoras nos espaços acadêmicos, tomando, a princípio, a trajetória da doutoranda e o percurso de produção de sua obra, o reencontro da pesquisadora com o legado de Paulo Freire (2000), a partir das Cartas Pedagógicas, também é um fato impactante no processo de desenho e (re)desenho da metodologia. Havia uma expectativa de que o “diário de tese ou pesquisa” (Hess, 2005 e Barbosa e Hess, 2010) transitaria entre um recurso metodológico e um dispositivo de escrita reflexiva para o diálogo consigo mesma. No entanto, ao entrar em contato com as Cartas Pedagógicas, a autora toma ciência de que a potência do viver e o partilhar experiências formadoras do/nos espaços, tempos e nas atividades de escrita reflexiva oportunizadas coletivamente, no NEPEN em especial, evidencia-se enquanto fazer formativo, nas produções e nos sentidos que se dão a elas.

Por sua vez, pensar nos dispositivos biográfico-narrativos enquanto potencializadores das escritas reflexivas, ao mesmo tempo que a autora amplia sua aproximação com a documentação narrativa das experiências pedagógicas (Suárez, 2015), bem como os estudos sobre inventários de pesquisa (Prado, Frauendorf e Chautz, 2018), emergem enquanto elementos que oportunizariam definir uma proposta metodológica, na relação com a problemática e os objetivos da tese. Considerando que, segundo Prado, Frauendorf e Chautz (2018, 535)

[...] mais do que fazer uma análise distanciada dos (guardados), inventariar significa senti-los em suas múltiplas ressignificações, que renascem na tessitura do texto, delineando para o pesquisador possíveis achados que contam de uma pesquisa, que acontecem ao se pesquisar.

É necessário assumir que ainda há um percurso a ser trilhado no sentido de compreender os contornos da proposta de se trabalhar com inventários, uma vez que esse processo de inventariar se firmará na ação indissociável do estabelecer diálogos/reflexões entrecruzadas, dos/com os achados nessas produções catalogadas, tendo as marcas de autoria como foco desse dialogar/refletir. Considerando esse cenário de percurso em construção, a seguir, apresentar-se-á um o desenho metodológico da tese, sendo que as ações, na relação com os objetivos específicos são:

Na perspectiva de *“Mapear características que legitimam os espaços/tempos de pesquisa-vida-formação na relação com os pressupostos teóricos-metodológicos da abordagem (auto)biográfica”*:

Análise dos inventários: 1. Biografizar (Souza, 2014) o NEPEN: a) Estrutura e organização dos espaços/tempos; b) Acontecimentos realizados/oportunizados; c) Outras características. 2. Indicar as características que configuram espaços acadêmicos como sendo de pesquisa-vida-formação.

Para *“Inventariar as características que legitimam os dispositivos narrativos enquanto referenciais para/de documentação narrativa em espaços/tempos de pesquisa-vida-formação”*:

Análise dos inventários: a partir do que esse trabalho assume como dispositivos e documentação narrativa das experiências pedagógicas (Suárez, 2015) **inventariar as características:** a) das mediações; b) da escrita das memórias dos encontros; c) dos pareceres produzidos para as arguições da “Pré-qualificação” dos projetos de dissertações e teses; d) das narrativas produzidas no contexto do NEPEN; e) dos memoriais acadêmicos publicados nas dissertações.

Por fim, visando *“Identificar as singularidades dos processos de autoria das experiências formadoras de mulheres docentes que integram espaços/tempos de pesquisa-formação, a partir do diálogo, tendo as Cartas Pedagógicas como dispositivo narrativo”*:

Documentação narrativa das experiências pedagógicas: a) Definir critérios para convidar outras mulheres docentes que comporão a última parte da pesquisa (NEPEN e outros espaços); b) Estruturar a proposta da documentação narrativa de experiências pedagógicas (Suárez, 2015); c) Formalizar o convite a partir de uma Carta Pedagógica; d) Desenvolver o movimento de documentação narrativa, tendo as Cartas Pedagógicas (Freitas, 2020) como dispositivo narrativo.

O que se apresenta é a síntese de uma experiência acadêmica sob a ótica da metodologia. Larrosa (2002) nos coloca frente a uma compreensão de “experiência” numa perspectiva ampla de sentidos. Citando Walter Benjamin, Larrosa indica que “Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara.”. Nesse sentido, ainda pautada nas contribuições do autor,

Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como **um território de passagem**, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é **um ponto de chegada**, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. E em português, em italiano e em inglês, em que a experiência soa como **“aquilo que nos acontece, nos sucede”**, ou “happen to us”, o sujeito da experiência é sobretudo **um espaço onde têm lugar os acontecimentos**. Destaques para esse texto. (Larrosa, 2002, p. 24)

Expor os caminhos percorridos e mostrar os andaimes da investigação tem sido uma escolha que vai ao encontro do assumir-se, enquanto sujeito da experiência e pesquisadora em formação, os territórios de passagem, alguns pontos de chegada [e partida] mas, principalmente, os acontecimentos que denotam um

processo, que ao mesmo tempo que expõe sua incompletude, anuncia e assume o compromisso do ir em frente. Nesse movimento de trilhar percursos, já alertando sobre o quão preliminar está, a seguir apresento os primeiros achados nos inventários, tanto das produções do NEPEN, quanto da pesquisadora.

O que encontramos: primeiros achados

Inventariar, para a investigação que está sendo apresentada neste trabalho, foi/tem sido um “exercício metodológico” (Prado, Frauendorf e Chautz, 2018, p. 532). Nesse sentido, enquanto primeiros achados, o que se destaca são dois *movimentos embrionários* de análise, a partir da organização do inventário, que no trabalho original, foi apresentado em quadros.

Os primeiros achados são referentes ao que foi chamado de “ensaio da biografização do NEPEN”, a partir do inventário de suas produções e perpassa pela identidade acadêmica, reconhecida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), instituição que fomenta as pesquisas no Brasil. No entanto, mais que descrever um espaço de pesquisa, na perspectiva da “adesão voluntária a um contrato de pesquisa” que se pauta em processos formativos que tem nas narrativas (orais e escritas) seus principais dispositivos de escrita reflexiva (Delory-Momberger, 2006); ou ainda, que reconheça que no NEPEN o (auto)biográfico não está ou pode ser reduzido a introspecção (Josso, 2007), cabe destacar que o dispositivo-cenário parte da ideia de que a compreensão do processo de formação implica um conhecimento ao longo do qual os participantes construirão sua história, a partir de uma série de etapas, alternando trabalho individual e em grupo. Nesse cenário, a reflexão sobre os processos de formação só é produtiva na medida em que os participantes investem ativamente cada etapa de trabalho neles mesmos, bem como nas interações que o grupo oferece. (Josso, 2007, p. 420-421)

Isto posto, um dos achados a serem apresentados é que os dispositivos de aprendizagens, no contexto do NEPEN e da pesquisa (auto)biográfica, têm sido considerados de forma mais abrangente que a ideia de uma estratégia, ação ou atividade que se baste enquanto “passo” metodológico de um processo mais amplo. A ideia de dispositivos narrativos ou de aprendizagem, na relação com a pesquisa (auto)biográfica é uma escolha *epistemopolítica* (Passeggi e Souza, 2017) que fundamenta as ações do/no NEPEN.

Nesse sentido, a tese mostra que ao longo de uma década de existência, o NEPEN se organiza e se constitui a partir do mergulho nas histórias de vida dos sujeitos que o compõe, na relação com suas produções acadêmicas e os referenciais teóricos escolhidos para serem foco de estudos a cada semestre. Nesse cenário, o movimento da tese anuncia e evidencia que, mais que um espaço acadêmico, o NEPEN deve ser reconhecido como um coletivo acadêmico que se assume como um espaço/tempo de pesquisa-vida-formação que se constitui no atribuir sentido às experiências de vida-formação enquanto singularidades dos sujeitos que o compõe, por meio do trabalho com a escrita reflexiva, a partir de dispositivos narrativos.

A tese aponta que, ao identificar-se enquanto espaço/tempo do (auto)biográfico, o NEPEN se situa em um campo que toma as intersubjetividades e o compromisso existencial como uma forma legítima de se produzir conhecimento no ambiente acadêmico, ao mesmo tempo que o movimento singular-plural é fundante para àquelas e àqueles que escolhem partilhar experiências de vida-formação. Compreender e assumir que há um jeito outro de fazer pesquisa, que considera o “olhar para si” e o (re)significar suas próprias experiências, enquanto acolhe a partilha das experiências do outro, também tem sido, para o NEPEN, um movimento *epistemopolítico* na perspectiva de ser coerente com o compromisso de emancipação que todo ato educativo encerra.

Que não há neutralidade na ação educativa, já nos ensinou Paulo Freire; assim, quando um espaço/tempo, como o NEPEN, problematiza os paradigmas e sentidos do que é e como se deve produzir conhecimento, considerando o campo científico ou formal, implica refletir também sobre os saberes que os educadores produzem nos espaços escolares e como esses poderiam e deveriam circular na academia, apontando para a necessidade de reconhecer que o emergir de novos paradigmas, no campo acadêmico, acaba por impactar nos processos de formação docente.

Espaço/tempo grafado enquanto duas palavras que se integram a partir de uma barra que não quer dicotimizá-las, separá-las ou dividi-las e sim, ter nesse sinal gráfico, a indicação de relação indissociável entre espaço e tempo. Um espaço que se constitui na relação com temporalidade; espaço que não é estático, é movimento; tempo que não é cronos, mas sim, é existencial. Pesquisa-vida-formação integrando, a partir do hífen, três ações que, no espaço/tempo do NEPEN, são vibrantes, pulsantes, singulares e plurais ao mesmo tempo. Não se pesquisa só; não se vive só; não se forma só. O hífen representa o convite à conectividade do fazer pesquisa com e junto; do viver com e junto; e do formar-se, também, com e junto. São ações que se dão no (com)junto enquanto integram o singular dos sujeitos no plural do grupo; o singular do grupo, no plural dos sujeitos. Nesse sentido não se anula ou se deixa de viver para pesquisar; o pesquisar compõe e integra o viver e, no viver, está o formar-se. Formar aqui que nada tem a ver com “colocar-se em forma ou na forma”, mas enquanto ação de se constituir, de ser, de acontecer para, na, e com a vida; de escolher como significar as experiências vividas em experiências formadoras, a partir de um espaço/tempo de pesquisa que é formal, acadêmico e existencial ao mesmo tempo.

No que se refere aos primeiros achados, a partir do inventário das produções da pesquisadora, cabe destacar que a opção foi a apresentação de um memorial intitulado como *“Produzir ciência, produzir a vida: sobre os dispositivos narrativos e as marcas de autoria no gestar uma tese.”*. Produzir essa tese sobre autoria tem sido, de alguma forma, marcar um posicionamento de legitimidade do ocupar o espaço acadêmico, sendo constante o movimento de fazer-se lembrar que estar e viver essa experiência é uma escolha, tanto quanto é um direito. Escolha que requer responsabilidades, comprometimento, mergulho e

investimento, ao mesmo tempo em que a pesquisadora busca se firmar num espaço que, embora reconheça como seu, se vê a todo instante afirmando-se nele.

Acreditar na legitimidade do ocupar esse espaço, bem como, do produzir ciência é um dos achados da tese. Ao inventariar as produções da pesquisadora, no recorte temporal e contexto do doutorado, encontra-se um cenário diverso, a saber: (05) Memórias; (04) Pareceres de Projeto de Pesquisa; (01) Artigo Científico; (04) capítulos de livros, sendo uma Carta Pedagógica e duas versões adaptadas de Memoriais de Formação feitos em disciplinas; (13) Cartas Pedagógicas; (03) Memoriais de Formação; (11) Narrativas; (02) Resumos e (01) Resumo Expandido; e, por fim, (11) Produções classificadas como “Outros”, tais como, fichamento de artigo; planos de mediação e roteiros de aula; contos publicados no *blog* pessoal da pesquisadora; poemas; adaptações de textos e poemas; metáforas, relatórios e mapeamentos.

A menção às marcas de autoria se fez presente, como destacamos nos excertos abaixo:

Me senti motivada a escrever essa “carta-memória” não só para garantir que pudessem saber, ainda que pelas minhas lentes, como ocorrera a reunião. (M4, 2022) Destaque para esse texto.

[...]

[...] destaco ainda que essas palavras visam, para além de cumprir o compromisso assumido de escrever a memória do que se passou no primeiro encontro do NEPEN de 2022, a luz de meus atravessamentos, também autorizar-me, mais uma vez, a deixar minhas marcas e impressões por meio do meu narrar [...] imbuída de uma ousadia que me constitui, (de)marcar meu lugar de autora. (Brito, 2022)

Para além da necessidade de acenar, de forma tão explícita, para as marcas de autoria, o que pode ser visto como um indicativo do quanto a tese mobiliza e atravessa, existencialmente, a pesquisadora, outro destaque importante é o quanto a aproximação com as Cartas Pedagógicas afetaram a forma como passa a se comunicar, observando-se um crescente cenário em que a opção por narrar, utilizando o gênero epistolar, fica cada vez mais recorrente. A potência das Cartas Pedagógicas, enquanto dispositivo de escrita reflexiva, implicou em decisões e encaminhamentos metodológicos para a continuidade da pesquisa.

➤ ***Palavras do dever: expectativas por outros diálogos***

Apresentar o percurso de uma tese em construção, considerando que pesquisadora em formação está imbuída do desejo de ser autora desse/nesse processo, externa e traduz o compromisso do propor-se a pesquisar a partir do (auto)biográfico, em especial, quando elege as trajetórias acadêmicas de mulheres

docentes, na perspectiva de dialogar sobre as marcas de autoria no processo de constituir-se “*pesquisadoras-autoras-cidadãs*”.

Reconhecer-se como autora tem sido diferente de autorizar-se à autoria. O percurso da tese tem mostrado que, por vezes, a pesquisadora não se enxerga no centro do processo formativo, como a pesquisa (auto)biográfica oportuniza. Há momentos em que é atravessada pela insegurança, pelo medo da avaliação, pelo olhar e palavras do outro, pelas limitações ao colocar-se em diálogo com referenciais teóricos e, momentos depois, quase que como ato de rebeldia, recomeça, se atira, se desnuda, se entrega e continua, por acreditar que, parafraseando Passeggi (2010), “*se narrar é humano, (auto)biografar é um processo emancipatório*”.

Considerando o percurso da pesquisa, enquanto percepções iniciais é possível dizer que o trabalho com escritas reflexivas, a partir de dispositivos narrativos, nos espaços de pesquisa-vida-formação, tem oportunizado reconhecer e legitimar uma produção do conhecimento que emerge e se consolida das/nas intersubjetividades. Buscar caminhos para a tomada de consciência de que produzir conhecimento é produzir(se) a si mesmas; que ambos os processos são indissociáveis, mas que produzir a si mesmas precede e compõe os processos do autorizar-se à autoria, que são apontados como os primeiros contornos do que temos compreendido como ser “*pesquisadora-autora-cidadã*”.

Nesse sentido e contexto, o percurso trilhado até o presente momento, impulsiona o devir da tese, na perspectiva de colocá-la em diálogo com outras mulheres docentes, de forma a contribuir para que seja possível apresentar ao mundo acadêmico a ideia de “*pesquisadora-autora-cidadã*”, como possibilidade de assumir e firmar a legitimidade dos encontros, (re)encontros e (des)encontros do que se produz, enquanto conhecimento científico, na relação com o que se vive/produz existencialmente, considerando que o humano e o existencial denotam uma abordagem de pesquisa multirreferencial, do ponto de vista de que “As ciências da educação não podem ser pensadas separadamente das ciências do homem e da sociedade, das quais elas formam um subconjunto um domínio pertinente a um campo.” (Ardoino e Berger, 2003, p. 29-30). Há que se ressaltar, por fim, que esse “propor-se ao diálogo com outras mulheres docentes”, para a continuidade dessa investigação, se dará a partir da escrita de Cartas Pedagógicas a serem trocas pela *Red Travesias del sur*, uma rede latino-americana, que começa a se organizar no mesmo tempo em que acontecem as VII JORNADAS NACIONALES Y V LATINOAMERICANAS DE INVESTIGADORXS EN FORMACIÓN EN EDUCACIÓN.

Bibliografia

- Ardoino, J.; Berger, G. (2003). Ciências da educação: analisadores paradoxais das outras ciências? *In*: BORBA, Sérgio; ROCHA, Jamesson (Org.). Educação & Pluralidade. Brasília: Plano Editora.
- Ardoino, J. (1998). Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. *In*: BARBOSA, J. G. (coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar.
- Barbier, R.. Palavra educativa e sujeito existencial (2003). *In*: BORBA, Sérgio; ROCHA, Jamesson (Org.). Educação & Pluralidade. Brasília: Plano Editora.
- Barbosa, J. G. (2000). Autores Cidadãos – a sala de aula na perspectiva multirreferencial. São Carlos: São Bernardo: EDUFScar, EdUMESP,
- Barbosa, J. G. Educação para formação de autores-cidadãos (1998). *In*: Barbosa, J. G. (coord.). Multirreferencialidade nas ciências e na educação. São Carlos: Editora da UFSCar.
- Barbosa, J.G. Hess, R. (2022). O diário de pesquisa: o estudante universitário e o seu processo formativo. Brasília: Liberlivro, 2010. Disponível em: www.multirreferencialidade.com . Acessado em 16.jul.2022.
- Brito, S.. Sobre repertórios, ignorâncias e saberes: do sentir ao ser, porque nós temos o direito! (2021) Blogue Escrever me trata. Disponível em <https://tudojuntoemisturadosolmultipla.blogspot.com/2021/03/sobre-repertorios-ignorancias-e-saberes.html> . Acessado em 16.jul.2022.
- Delory-momberger, C.. (2006) Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 32, n. 02, p. 359-371, maio/ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a11v32n2.pdf> . Acessado em 16.jul.2022.
- Freire, P. (2000). Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP.
- Freitas, A. L. S. de. (2020) Andarilhagens de uma pesquisadora: cartas pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras Paulo Freire. 1 ed. São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis & Poiética Casa Publicadora, 2020. 302p
- Hess, R (2005). Produzir a sua obra: o momento da tese. Tradução de Sérgio da Costa Borba e Davi Gonçalves. Brasília: Liber Livro Editora. (Série Pesquisa, v. 11).
- Josso, MC. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Educação Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez.. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/gepiem/files/2008/09/a_tranfor2.pdf . Acessado em 16.jul.2022.
- Josso, M.C. (2004). Experiências de vida e formação. São Paulo: Cortez.
- Larrosa Bondía, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de Educação, nº 19. Disponível em < <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> _Acessado em 16.jul.2022.
- Passeggi, M. de C (2021) Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. Revista Práxis Educacional. v.17, n.44, p. 93-113, jan./mar.. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8018> . Acessado em 16.jul.2022.
- Passeggi, M. de C (2016) . Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Roteiro, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267> . Acessado em 16.jul.2022.
- Passeggi, M de C. (2015) Trajetórias "Improváveis"? Vínculos intergeracionais e mobilidade social. In: FERREIRA, M. S. et al. Investigação em Educação: diversidade de saberes e práticas. Ed. Fortaleza,CE: Imprece, p. 173-206.
- Passeggi, M. de C. y Souza, E. C. de. (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas

Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, 2(1) pp. 6-26. Disponível em: <https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/article/view/56/36> . Acessado em 16.jul.2022.

Prado, G do V.T.; Frauendorf, R.; Chautz, G. (2018) Inventário de Pesquisa: uma possibilidade de organização de dados da investigação. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 03, n. 08, p. 532-547, maio/ago.. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/4065/pdf>. Acessado em 16.jul.2022.

Suárez, D. (2015). Documentación narrativa e investigación-formación-acción en educación. En: Souza, E. Clementino de. (Org.). (Auto) biografías e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 63-86.